

Fevereiro vem aí - sempre...

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. Fevereiro vem aí - sempre... In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 126-128. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Fevereiro vem aí - sempre...¹

Não repare no título e no artigo. É apenas uma alegoria de Joãozinho Trinta. Um devaneio. Um balangandãozinho pendurado neste fevereiro...

Foi mais ou menos assim que aconteceu: o pessoal do Balé do Senegal foi subindo a ladeira do Pelourinho e deparou, lá em cima, com os ritmos afro-brasileiros do Ilê Fun-fun, tocados em sua homenagem – três atabaques e um agogô, e uma polirritmia lascada.

Se não me engano, houve um momento de perplexidade com o que estava sendo ouvido, um momento muito breve de silêncio, diagnosticando o ambiente rítmico inusitado, procurando saber onde se estava pisando. Mas logo depois de uns dois minutos, um deles, mais corajoso, foi indicado para iniciar o diálogo através dos tambores.

Na verdade ele se atreveu a dialogar com a música que estava sendo apresentada, e as chances de fazer besteira nessa aventura eram enormes. Como responder a uma trama rítmica já tão complexa e autônoma? Como enfiar a colher naquele angu cultural?

Pois o senegalês corajoso encontrou na malha rítmica umas brechas que ninguém podia imaginar e acrescentou uns repiques agudos ao padrão dos atabaques. Foi um momento meio mágico, porque parecia que eram os próprios tambores que estavam conversando e não seus donos. E era uma conversa ancestral, de povos que foram separados pela história e que agora se reuniam novamente.

Logo, logo, outros dois percussionistas senegaleses entraram na roda, um dançarino ensaiou uns passos e a Orquestra de Berimbaus que estava quieta, só apreciando, também mandou ver. Teve gente chorando de emoção.

Na verdade, foi tudo muito breve e profundo. Mas quem ouviu com os ouvidos e com o cérebro ficou pensando nas tantas possibilidades de diálogo entre a Bahia e a África, entre a Bahia e o resto do mundo.

Ficou pensando que ao invés de encontro de tradições, o que estava ali era mais da ordem do contemporâneo. Um encontro condigno e um olhar para o futuro.

O que pode acontecer aos ritmos baianos quando se encontram, se afirmam e se misturam com as práticas rítmicas da África de hoje? O que pode acontecer a toda a malha cultural que foi construída a partir da batida do samba-reggae e da consciência cultural afro-descendente a partir desses diálogos culturais inusitados e profundos? Qual deve ser a lógica cultural dos carnavais da Bahia, a construção de novos ciclos de criatividade ou a multiplicação de camarotes e mamães-sacode? De onde vão surgir as sementes de um novo ciclo cultural carnavalesco, do salão ou da rua, das gravadoras ou dos Curuzus, Garcias e Tororós da vida?

Como é que se deve criar um processo educativo do capital (é, isso mesmo, educar o capital) de forma a sinalizar o grande potencial lucrativo de um Carnaval que se diferencia, que permanece rejuvenescido como atrativo cultural internacional, que não se perde em repetições e massificação? Em suma, que enxerga logo o que Recife e Olinda já enxergaram.

Como é que se potencializa a participação popular no Carnaval, não como figurantes exóticos, coadjuvantes repetidores, ou simples espectadores de riqueza, opulência e famas alheias, e sim como autores legítimos de uma criação cultural coletiva que se renova?

Será que para longe do simples sacolejo de egos o Carnaval pode ser uma importante ferramenta de afirmação e de libertação cultural nesses tempos de dominação globalizada?

¹ Pensando em futuros carnavais. Escrito para o Carnaval da Bahia de 2005.